

**Inclusão Escolar e baixa visão: um Relato de Experiência**  
**School Inclusion and Low Vision: An Experience Report.**  
**Inclusión escolar y baja visión: un informe de experiencia**

Recebido: 29/09/2019 | Revisado: 14/10/2019 | Aceito: 30/10/2019 | Publicado: 31/10/2019

**Andréia Xavier da Silva Oliveira**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7827-6168>

Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer SEEC/RN. Brasil.

E-mail: [andreiaxavier2010@hotmail.com](mailto:andreiaxavier2010@hotmail.com)

**Andréia Gomes da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9529-6905>

Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer - SEEC/RN. Brasil

E-mail: [andrea-lagoa@hotmail.com](mailto:andrea-lagoa@hotmail.com)

**Edilayne Christina Souza Cavalcanti Dias**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2784-7474>

Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer - SEEC/RN. Brasil

E-mail: [diasedilayne@gmail.com](mailto:diasedilayne@gmail.com)

**Lucia de Araújo Ramos Martins**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1867-4866>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: [luc.martins@terra.com.br](mailto:luc.martins@terra.com.br)

## **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo de caso cujo objeto trata das questões pedagógicas de um jovem com deficiência visual (baixa visão), com 16 (dezesesseis) anos de idade, matriculado no 8º ano do Ensino Fundamental II e os aspectos relacionados à percepção da professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e da família sobre os processos de aprendizagem e inclusão escolar do estudante. Apresentamos reflexões pautadas nos fundamentos da Educação Especial numa perspectiva inclusiva em que consideramos o AEE uma importante estratégia de promoção do processo de Inclusão escolar. Neste relato de experiência a professora do AEE colabora com a realização de adaptações em atividades e avaliações e na orientação aos professores quanto às estratégias para viabilizar a inclusão do estudante. Na Sala de Recursos Multifuncionais é oportunizado ao estudante o

acesso a softwares como o Dosvox e outros recursos da informática acessível, atividades adaptadas e a utilização de materiais concretos. Quanto à família, a mãe demonstra uma postura superprotetora, no que diz respeito ao estímulo à autonomia e independência do filho. Consideramos que a escola esteve atenta às necessidades educacionais do estudante. Entretanto, percebemos que a relação família x escola carece de um fortalecimento, para que juntas possam construir uma sistematização de rotinas e atividades que busquem motivar o estudante ao desenvolvimento de suas autonomias, objetivando seu pleno desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Deficiência visual; Inclusão; Escola.

### **Abstract**

This paper aims to present a case study whose object deals with the pedagogical questions of a young person with visual impairment (low vision), 16 (sixteen) years old, enrolled in the 8th grade of Elementary School II and aspects related to perception from the teacher of Specialized Educational Attendance (AEE) and the family about the student's learning processes and school inclusion. We present reflections based on the foundations of Special Education in an inclusive perspective in which we consider ESA an important strategy for promoting the process of school inclusion. In this experience report, the AEE teacher collaborates with the adaptation of activities and assessments and guidance to teachers regarding the strategies to enable student inclusion. The Multifunctional Resource Room provides students with access to software such as Dosvox and other accessible computing resources, tailored activities and the use of concrete materials. As for the family, the mother demonstrates an overprotective posture with regard to stimulating the autonomy and independence of the child. We consider that the school was attentive to the educational needs of the student. However, we realize that the family x school relationship needs strengthening, so that together they can build a systematization of routines and activities that seek to motivate the student to develop their autonomy, aiming at their full development.

**Keywords:** Visual Impairment; Inclusion; School.

### **Resumen**

El objetivo de este trabajo es presentar un estudio de caso cuyo objeto aborde las preguntas pedagógicas de un joven con discapacidad visual (baja visión), 16 (dieciséis) años, matriculado en el octavo grado de la escuela primaria II y aspectos relacionados con la percepción. del profesor de Asistencia Educativa Especializada (AEE) y la familia sobre los procesos de aprendizaje del alumno y la inclusión escolar. Presentamos reflexiones basadas

en los fundamentos de la educación especial en una perspectiva inclusiva en la que consideramos que la ESA es una estrategia importante para promover el proceso de inclusión escolar. En este informe de experiencia, el maestro AEE colabora con la adaptación de actividades y evaluaciones y orientación a los maestros con respecto a las estrategias para permitir la inclusión de los estudiantes. La sala de recursos multifuncionales proporciona a los estudiantes acceso a software como Dosvox y otros recursos informáticos accesibles, actividades personalizadas y el uso de materiales concretos. En cuanto a la familia, la madre muestra una postura sobreprotectora con respecto a estimular la autonomía e independencia del niño. Consideramos que la escuela estuvo atenta a las necesidades educativas del alumno. Sin embargo, nos damos cuenta de que la relación familia x escuela necesita fortalecerse, para que juntos puedan construir una sistematización de rutinas y actividades que busquen motivar al estudiante a desarrollar su autonomía, con el objetivo de su pleno desarrollo.

**Palabras clave:** Discapacidad visual; Inclusión; Escuela

## 1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um *estudo de caso*, pautado nos fundamentos da Educação Especial numa perspectiva inclusiva, cujo objeto do estudo trata das questões pedagógicas de uma pessoa com deficiência visual (baixa visão), com 16 (dezesseis) anos de idade, estudante de uma escola da rede estadual, no município de Macaíba/RN, matriculado no 8º ano do Ensino Fundamental II, identificado como *Alef*, para preservação sua real identidade.

Para Gil (2008), o estudo de caso é um estudo empírico exploratório, que se desenvolve numa perspectiva qualitativa, que investiga uma determinada situação problema dentro de um contexto real.

Por se tratar de um método qualitativo, o estudo de caso consiste, geralmente, em uma forma de aprofundar uma unidade individual, como forma de compreendermos melhor os processos organizacionais e políticos da sociedade. É uma ferramenta utilizada para entendermos a forma e os motivos que levaram a determinada decisão. Conforme Yin (2001) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados.

Buscamos neste estudo refletir sobre a Educação Especial e como o Atendimento Educacional Especializado - AEE se apresenta na vida escolar do estudante. Considerando

que o AEE é um serviço da Educação Especial que “identifica, elabora, e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (BRASIL, 2008, p.01). E que, a partir da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva de 2008, institui-se o AEE, o qual se recomenda ser ofertado dentro das Salas de Recursos Multifuncionais – SRM, para estudantes da Educação Básica com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e os com altas habilidades/superdotação.

O AEE tem se apresentado como um importante recurso de inclusão escolar, visto que o serviço é um dos fomentadores e representantes da inclusão na escola. São muitos os desafios na busca por uma escola efetivamente inclusiva, onde sejam beneficiados os estudantes com ou sem deficiência.

Mantoan (2007) assevera sobre esse desafio que a escola deve enfrentar, pois uma escola inclusiva melhora a qualidade na educação e garante que o estudante exerça o direito à educação em sua plenitude.

Para subsidiar a realização deste estudo contamos com o relato de experiência da professora da SRM, que realiza o atendimento educacional especializado a *Alef*, uma entrevista com sua mãe, uma visita e um levantamento documental na escola. Com vistas de estabelecermos uma relação com a atividade da terceira unidade da disciplina de Fundamentos de Educação Especial I, cuja temática é “*A família diante da deficiência e outros transtornos do filho*”, foi que realizamos essa entrevista com a genitora do estudante.

## 2. A FAMÍLIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

O nascimento de uma criança para a maior parte das famílias é um momento de alegria, de orgulho, de reunião das pessoas queridas e de celebração da renovação da nova vida (Buscaglia, 1993).

Segundo referenciais do Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade (MEC, 2004) as famílias de crianças, jovens e adultos com necessidades especiais associadas ou não a deficiência vivenciam uma situação bastante peculiar: a maioria se percebe sozinha para administrar as dificuldades que se apresentam em tal situação.

Os sentimentos de desamparo são muito frequentes e não podem ser ignorados. Trabalhos em grupo favorecem a troca de experiências e permitem reflexão sobre atitudes de enfrentamento e

gerenciamento das dificuldades cotidianas com seu filho ou filha, no contexto familiar e mesmo na orientação para o encaminhamento nas áreas da saúde e educação, com vistas à inclusão.

Sabe-se, também, que a falta de informação sobre as necessidades especiais da criança, sobre os recursos existentes na comunidade e sobre os procedimentos de acesso a esses recursos tem, na maioria das vezes, levado os pais a uma condição de dependência de um determinado serviço ou mesmo de profissionais. Dificilmente são orientados a analisar o conjunto de suas necessidades, a tomar decisões e exigir a qualidade de atendimento que desejam.

Estudos também têm mostrado que a mãe tem sido, na família, a pessoa que mais se envolve com o cuidado do filho com deficiência, além de manter, na sua função, as demais tarefas implicadas no cotidiano familiar. Esta sobrecarga tem várias consequências destrutivas para o grupo e o pai, muitas vezes se afasta da convivência familiar. Os demais filhos sentem-se em situação de abandono, sem ter a quem recorrer.

Tudo isso pode ser transformado, se a família contar com um suporte terapêutico, onde deve ser trabalhado os sentimentos de cada segmento familiar e os padrões de relacionamento entre eles. Lembrando que a família é um coletivo e que necessita, para seu pleno desenvolvimento, garantir a participação de todos no compartilhar sentimentos, na análise dos problemas, no processo de tomada de decisões e responsabilidades. Há que se investir na abordagem dessas questões, como instrumento de crescimento e desenvolvimento e favorecendo a qualidade de vida das famílias.

Outra situação que pode ocorrer é a família deixar os demais filhos para se dedicar quase que exclusivamente a essa criança. Isto acontece, na maioria das vezes, por conta dos compromissos que vão sendo assumidos para tratamento desse filho. Esta situação pode influenciar negativamente ao grupo familiar. Grupos de pais e de irmãos dessas pessoas têm se mostrado eficiente no enfrentamento dessas questões, bem como no desenvolvimento de relações afetivas mais saudáveis e na conquista de maior envolvimento participativo de todo o grupo familiar.

## **2.1 ENTREVISTA COM A GENITORA DE ALEF**

O contato com estudantes com deficiência nos remete a refletir sobre o nosso papel como educadores e da diferença que podemos fazer na vida deles, na mediação de conhecimentos e facilitando a aproximação para o mundo real instigando sua autonomia para uma partida da jornada escolar para a vida social.

Neste itinerário, a família é o veículo que levará esta criança a trilhar sempre novos caminhos, e contribuir para o seu desenvolvimento, e precisará fortalecer suas emoções e buscar equilíbrio para conseguir atingir os objetivos almejados.

Buscando compreender significados da família da pessoa com deficiência, realizamos uma entrevista individual e não estruturada com a mãe do estudante *Alef*, conduzida pela questão norteadora:

### **Quais as implicações de ter um filho com deficiência?**

- *“No início foi bem difícil. Acredito que Alef é um milagre, sou grata pela vida dele”.*
- *“Admito superproteger, e isso de certa forma tem contribuído para a timidez dele, é muito difícil, fico com medo devido a sua deficiência, tenho medo dele cair, se machucar, se perder, não deixo ir à padaria, nem ao mercado, e também tenho medo das aulas de educação física, mas estou deixando aos poucos”.*
- *“Me preocupa a falta de interação, Alef é um menino alegre, gosta de dançar, conversar, aprender coisas novas... Às vezes percebo que ele quer jogar bola com outros jovens, mas tem receio de se aproximar”.*

### **Como se deu o processo de alfabetização?**

- *“Teve início em uma escola particular próxima a minha casa, no início foi bem difícil Alef trocava as letras, compreendia de forma lenta, mas foi alfabetizado, considero que aprendeu mais na escola pública, não percebi avanços na escola privada. ”*

O debate sobre a educação das pessoas com deficiência pode ser encarado de inúmeras formas, pela família, por exemplo, no caso da genitora de Alef, ela enfrenta até hoje a deficiência do filho com um conflito constante de sentimentos que lhe causa medo, autopiedade e insegurança.

Embora diante de tantos conflitos, a família de Alef ensina inúmeras lições de vida e valores importantes para a sociedade, como persistência, sensibilidade, ânimo diante das dificuldades encontradas, respeito e dignidade, sem dúvidas a deficiência de Alef trouxe para esta família uma riqueza de aprendizados insubstituíveis para formação do caráter da pessoa humana. Para Buscaglia (1993, p. 31) “O nascimento é um milagre, pois cada pessoa que nasce possui um potencial e possibilidades ilimitados. Cada indivíduo tem o poder de criar, compartilhar, descobrir novas alternativas e trazer novas esperanças à humanidade.”

Neste sentido, acreditamos que assim como a família de Alef, muitas famílias vivem esta realidade de sorrisos e de lágrimas, angustias e desesperos, mas a esperança existe, para impulsionar a descoberta e direcionar a outros caminhos.

## **2.2 ANAMNESE DO ESTUDANTE**

*Alef*, hoje aos 16 (dezesseis) anos de idade, nasceu de parto cesariano, de gestação gemelar e prematura, pesou apenas 1 kg e seu irmão gêmeo faleceu no parto, logo após ao seu nascimento e realização dos primeiros exames, foi constatado que ele perderia a visão. Aos 12 anos, foi submetido à realização de um procedimento cirúrgico malsucedido no olho direito, o que provocou a cegueira total do referido olho.

Para compreendermos os conceitos de cegueira e baixa visão, sob o prisma da perspectiva pedagógica, apresentamos as definições do documento *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira* (Domingues, 2010), que nos ratifica:

Sobre Cegueira congênita e adventícia (adquirida ou subnormal),

A cegueira congênita pode ser causada por lesões ou enfermidades que comprometem as funções do globo ocular. Dentre as principais causas, destacam-se a retinopatia da prematuridade, a catarata, o glaucoma congênito e a atrofia do nervo óptico. Trata-se de uma condição orgânica limitante que interfere significativamente no desenvolvimento infantil (*Ibid*, 2010, p. 30)

A cegueira adventícia caracteriza-se pela perda da visão ocorrida na infância, na adolescência, na fase adulta ou senil. Dentre as principais causas, destacam-se as doenças infecciosas, as enfermidades sistêmicas e os traumas oculares. O conhecimento destas causas é relevante para a identificação de possíveis comprometimentos ou patologias que demandam tratamento e cuidados necessários. Além disso, é preciso contextualizar e compreender esta situação em termos da idade, das circunstâncias, do desenvolvimento da personalidade e da construção da identidade (*Ibid*, 2010, p. 31).

Sobre Baixa Visão,

A baixa visão é uma deficiência que requer a utilização de estratégias e de recursos específicos, sendo muito importante compreender as implicações pedagógicas dessa condição visual e usar os recursos de acessibilidade adequados no sentido de favorecer uma melhor qualidade de ensino na escola. Quanto mais cedo for diagnosticada, melhores serão as oportunidades de desenvolvimento e de providências médicas, educacionais e sociais de suporte para a realização de atividades cotidianas. A baixa visão pode ser causada por enfermidades, traumatismos ou disfunções do sistema visual que acarretam diminuição da acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, campo visual reduzido, alterações na identificação de contraste, na percepção de cores, entre outras alterações visuais. Trata-se de um comprometimento do funcionamento visual, em ambos os olhos, que não pode ser sanado, por exemplo, com o uso de óculos convencionais, lentes de contato ou cirurgias oftalmológicas (*Ibid*, 2010, p. 8)

Atualmente, *Alef* possui acuidade visual de 10% em seu olho esquerdo, faz acompanhamento psicológico na Unidade Básica de Saúde Municipal - USB, semanalmente, e participa das aulas de música no Centro Cultural de Macaíba, onde está aprendendo a tocar o instrumento de percussão denominado de bateria. Como podemos perceber *Alef*, mesmo como a deficiência tem uma vida escolar satisfatória, realiza suas atividades com interesse, é participativo e tem autonomia bem desenvolvida, desta forma acreditamos que a deficiência não causa impotência nem é causa de limitações para *Alef*.

### 3. METODOLOGIA DO TRABALHO

Para organização deste trabalho optamos pela realização de um estudo de caso, conforme Gil (2008), trata-se de um estudo empírico exploratório, que se desenvolve numa perspectiva qualitativa, que investiga uma determinada situação problema dentro de um contexto real. Como estratégia metodológica realizamos uma breve revisão bibliográfica, uma entrevista semiestruturada com a mãe do estudante com deficiência (baixa visão) e uma visita à escola. Segundo Yin (2001), *o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados*, como forma de aprofundar uma unidade individual e compreendermos melhor os processos organizacionais e políticos da sociedade. Como aporte teórico, recorreremos também aos estudos de Buscaglia (1993), que tece a jornada familiar, seus desafios e fragilidades diante da deficiência e da sociedade, bem como à Montoan (2007) e Silva (2015). Estes autores nos direcionam a reflexões acerca das transformações que vem ocorrendo pautadas na política Nacional de Educação Inclusiva, principalmente em relação a significados, dúvidas e conflitos gerados no atual contexto.

#### 3.1 Caracterização da escola

A escola *X* é pública, oferta a educação básica nos níveis fundamental II e médio, está localizada na zona urbana da cidade de Macaíba, situada na área de conurbação denominada Grande Natal. Foi criada pelo Decreto de Lei nº 5.261 de 01/02/1970, funciona nos três turnos, ofertando turmas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e da Educação de Jovens e Adultos - EJA, nos turnos matutino e vespertino, e uma turma de Ensino Médio no turno noturno, atende em média 36 estudantes por turma.

A Sala de Recursos Multifuncionais está funcionando apenas no turno matutino, considerando-se a ausência de profissionais para atuar nos outros horários; dispõe de materiais pedagógicos e alguns recursos de tecnologia, que se encontram em manutenção. A SRM, assim como outros espaços da escola passaram por uma reforma na infraestrutura no ano de 2018, contudo os reparos não sanaram os problemas existentes, como infiltrações e alagamentos constantes, em decorrência do mau funcionamento dos banheiros; existem também outros problemas de ordem

estrutural como, por exemplo, o fato das dependências da escola serem pouco acessíveis às pessoas com deficiência. Essa falta de estrutura física adequada inviabiliza o acesso dos estudantes a todos os ambientes da escola, pois não dispõe de corrimãos e rampas, os banheiros não estão equipados com barras de apoio para os vasos sanitários e lavatórios, além da ausência de mobiliários acessíveis às pessoas com mobilidade reduzida e/ou que façam uso de cadeiras de rodas.

#### *Infraestrutura*

- 6 salas de aula;
- 1 Sala de Recursos Multifuncionais – SRM, para oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, configurada pelo padrão MEC/ SEESP como sendo do Tipo I (estrutura básica);
- Quadra de esportes;
- Biblioteca (funciona em espaço reduzido, sendo assistida por funcionárias nos turnos matutino e vespertino, a biblioteca não possui livros adaptados);
- Cozinha;
- Sala de direção;
- Secretaria;
- Sala de professores;
- Auditório (possui capacidade para cerca de 150 pessoas); e
- 3 banheiros.

#### *Caracterização do corpo docente e administrativo*

O quadro de profissionais é composto de 2 diretores administrativos, 3 técnicos pedagógicos, 1 coordenador financeiro, 2 monitores da biblioteca, 3 assistentes administrativos, 2 merendeiras, 8 auxiliares de serviços gerais, 28 professores de disciplinas, 2 professoras de Educação Especial, 1 professora da sala de recursos multifuncionais e 1 intérprete de Libras.

#### *Caracterização do corpo discente*

Para o ano letivo de 2019, a escola efetivou a matrícula de 666 (seiscentos e sessenta e seis) estudantes, sendo que 16 (dezesseis) são Pessoas com Deficiência - PcD e/ou com algum tipo de Necessidade Educacional Especial/Específica - NEE. Acerca dos tipos de deficiências e/ou NEE apresentadas pelos estudantes, obtivemos - a partir de informações na Secretaria Escolar, de consulta aos profissionais do setor, ao sistema de gestão acadêmica e aos documentos de matrículas - os seguintes dados, que se apresentam de forma resumida no quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Tipos de Deficiência e/ou NEE dos estudantes da Escola X no ano de 2019

<b>Tipo de Deficiência e/ou NEE</b>	<b>Quantidade</b>
Transtorno do Espectro Autista – TEA	04 (com laudo diagnóstico)
Deficiências Múltiplas – DM	01
Deficiência Visual – DV	03
Surdez	01
Deficiência Intelectual – DI	03
Outros	05 (sem laudo diagnóstico)
<b>Total</b>	<b>16</b>

Fonte: Secretaria Escolar da Escola X – ano de 2019.

É importante observar que neste quadro 1 o quantitativo maior de estudantes autistas, um total de 04 estudantes, 1 deles possui professora auxiliar e cuidador, devido as dificuldades motoras e necessidade de ser medicado, dos estudantes com deficiência visual, 2 possui baixa visão e 1 estudante é monocular ,ainda há a necessidade de outros estudantes, que mesmo não possuindo laudo médico, precisam de suporte pedagógico. É perceptível que a cada ano o número de matrículas de estudantes com deficiência é crescente, o que mostra uma necessidade real de formação entre os profissionais para atender este público.

### **3.2 Análise do Projeto Político Pedagógico**

Durante a elaboração do estudo foi realizada uma breve análise documental no Projeto Político Pedagógico da Escola X, e foi verificado que o documento encontra-se sem atualizações desde o ano 2002. Tem como suporte legal e democrático o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), A Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 e Constituição Federal de 1988. Observamos que no documento possui muitas ações e estratégias a serem conquistadas, mas nenhuma voltada para o estudante com deficiência, estas ações e metas foram previamente discutidas em reuniões com a participação do corpo docente, e foram evidenciados muitos problemas a serem solucionados dentre os quais, os professores citaram a falta de conhecimento de desenvolver as suas práticas pedagógicas com os estudantes com deficiência. Acreditamos que por falta de profissionais da área, falta de conhecimento e formação, tendo em vista que o documento começou a ser construído no ano de 2002, atualmente já houve muitos avanços.

Após diálogos com a equipe gestora e apoio pedagógico, ficou acordado a continuidade e atualização do Projeto Político Pedagógico da escola X, para o qual serão considerados os aspectos pertinentes à Educação Especial, que junto a equipe de professores serão traçadas metas e estratégias

para o atendimento das demandas existentes na escola dos estudantes com Necessidades Educacionais Especiais - NEE, para garantir de fato uma educação para todos.

#### **4. Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) da Escola X**

Com a função de identificar, planejar, elaborar, organizar e adaptar recursos pedagógicos e de acessibilidade, na tentativa de eliminar as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas, o Atendimento Educacional Especializado - AEE vem como uma proposta de desenvolver atividades adaptadas, diferentes do cotidiano da sala de aula o que não substitui a participação e escolarização em sala de aula de regular, já que este atendimento é considerado um complemento e/ou suplemento para a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2008, p.01).

Nessa perspectiva, na Escola X, os atendimentos são realizados apenas no turno matutino, onde frequentam 07 estudantes, distribuídos da seguinte forma: 04 com Transtorno do Espectro Autista (TEA), 02 com Deficiência Intelectual (DI) e Alef com Deficiência Visual/Baixa Visão (DV/BV). A Sala de Recursos Multifuncionais – SRM está equipada com jogos pedagógicos, acesso à internet e outros materiais pedagógicos. Desde a sua abertura a SRM apresenta uma estrutura fragilizada, com infiltrações e muita umidade, o que vem contribuindo para o sucateamento dos materiais e equipamentos.

Para a realização do atendimento, a participação da família é primordial, pois é através da entrevista com os pais, familiares ou responsáveis que podemos conhecer aspectos inerentes à história de cada estudante e quais são as suas possibilidades de aprendizagens, necessidades e desafios. Firmada a parceria entre a escola e a família, esta assume o compromisso da participação do estudante no AEE, possibilitando a efetivação do atendimento complementar/suplementar à escolarização.

A professora de AEE, além de ter firmada esta parceria com a família, tem um trabalho de orientar os professores em relação acerca destes estudantes, pois muitos questionam o que eles conseguem realizar, o que eles sabem fazer? Sobre como avalia-los, admitem não saber lidar com essa necessidade. Desta forma, a SRM pode ser considerada como um ponto de apoio para a equipe pedagógica.

Para realização do atendimento, é realizado um PAE – Plano de Atendimento Especializado, onde a professora da SRM, juntamente com professores da Educação Especial, coordenador pedagógico e demais professores, buscam construir um roteiro de aprendizagens para o estudante, com o objetivo de estimular habilidades e competências na leitura, escrita, coordenação motora, e principalmente a autonomia na escola, interação e socialização com os demais membros da comunidade escolar.

Nesta perspectiva, apresentaremos recortes sobre o AEE do estudante em estudo. *Alef* é um estudante com deficiência visual (baixa visão), segundo (Rocha, 1987, p.08) a deficiência visual é considerada, para fins educacionais, como perda total ou parcial, congênita ou adquirida da visão, variando de acordo com o nível de acuidade visual, ou seja “o grau de aptidão do olho para discriminar os detalhes”.

Matriculado na turma do 8º ano da escola X, do turno vespertino, Alef frequenta a SRM da mesma escola que estuda, em contra turno, semanalmente nas terças e quintas-feiras, no horário das 9h às 10h.

Durante os atendimentos percebemos que ele é muito esforçado, possui uma boa apreensão, é alfabetizado, lê e produz bons textos; é observador e demonstra compreender bem as atividades que lhe são ofertadas, executando-as com bom aproveitamento; gosta muito de usar as tecnologias, por isso, oportunizamos ao estudante o acesso a *softwares* como o Dosvox, bem como textos e jogos educativos, através da informática acessível; além das atividades adaptadas e da utilização de materiais concretos, como forma de contribuir na elaboração e compreensão de seu raciocínio lógico-matemático, em especial pela dificuldade que costuma relatar nas resoluções dos problemas que envolvem operações de multiplicação e divisão.

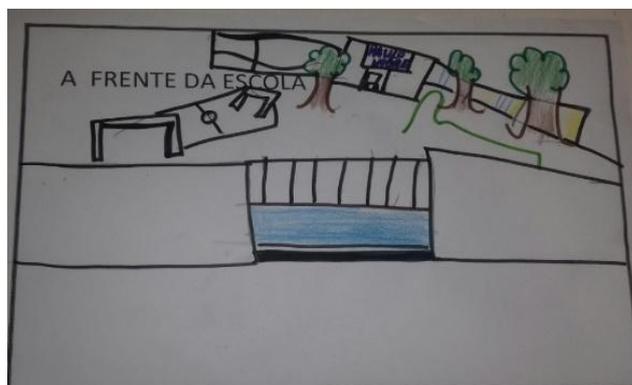


Imagem1: Atividade realizada na sala de Recursos Multifuncionais. Fonte: acervo das autoras.

Podemos observar na ilustração 1, que o estudante *Alef*, representou com riqueza de detalhes a frente da Escola X, utilizando-se dos recursos da fonte ampliada, da delimitação do espaço do papel por bordas e do contraste do desenho pelo uso da cor preta e maior espessura da caneta hidrográfica sobre as linhas do desenho.

Matriculado na escola desde o 6º ano do Ensino Fundamental, o estudante necessitou se afastar da escola por um período, em decorrência da realização de procedimentos cirúrgicos, fato que

comprometeu dois anos de sua escolaridade. Em parceria com os professores da sala de aula regular realizamos adaptações em atividades e avaliações, ampliando suas atividade para o tamanho 24 e utilizando fontes dos tipos Arial ou Verdana, viabilizando seu acesso ao material didático, sempre que se fez necessário; sobre o uso da lousa os professores foram instruídos a escreverem em letra bastão, disponibilizamos ao estudante um caderno com pautas ampliadas, lápis do tipo B6, lupa, plano inclinado, além da observação sobre a incidência de luminosidade na sala de aula e como tornar a iluminação favorável ao aproveitamento de sua acuidade visual.

Imagem 2: Materiais de uso do estudante: Caderno de pauta ampliada, lápis de ponta porosa 6B e lupa adaptada. Fonte: acervo das autoras.

Como podemos observar na imagem, os recursos não-ópticos mais utilizados pelo estudante são (lápis B6 de ponta porosa e caderno de pauta ampliada) além da lupa como instrumento óptico que auxiliam o estudante em seu cotidiano escolar e favorecem a sua autonomia no desenvolvimento de suas atividades.

No que se refere à oralidade, *Alef* fala com tom de voz muito baixo, por vezes dificultando o entendimento do ouvinte, assim, pouco expõe suas ideias e pensamentos. Como característica de sua personalidade podemos inferir que o estudante é um adolescente tímido. Essa timidez vem se tornando uma barreira para o desenvolvimento e avanços de suas aprendizagens, pois nem quando solicitado pelos professores ele costuma expor suas opiniões em sala.

Percebendo que o estudante apresentava dificuldades na socialização e durante as atividades em grupos, sempre preferindo realizá-las sozinho e sem aceitar a realização de apresentações orais, a equipe pedagógica da escola tem buscado, em conjunto com os professores, com o apoio da SRM e de todos que fazem parte da comunidade, oportunizar a *Alef* diversificadas vivências, para que ele possa superar sua timidez, através de proposição de atividades integradoras, trabalhos em grupo, aulas de campo, apresentações teatrais e eventos da comunidade escolar.

O desenvolvimento destas propostas, imbuídas em práticas acolhedoras, tem apresentado alguns efeitos positivos, que já são perceptíveis em muitos momentos do cotidiano escolar e são compreendidos como pequenos avanços na colaboração do convívio social do estudante, bem como melhoramento de seu desempenho escolar.

Podemos inferir que as práticas desenvolvidas pela Escola X constituem-se como uma busca em torna-se um espaço inclusivo, conforme nos afirma Silva:

Compreendemos que a escola que se quer inclusiva deve se constituir em um espaço onde professores são estimulados a produzir múltiplos saberes acerca de suas próprias trajetórias profissionais e das condições sociais concretas que condicionaram suas experiências educativas. Um lugar privilegiado de aquisição de saberes, de trocas de conhecimentos, de reflexão, de expressão de concepções e da afetividade e, não, onde se reproduzem práticas que ratificam o que o sociólogo francês Alain Touraine (2011) chamou de *comunitarismo*, ou seja: somos todos iguais, homogêneos, com a mesma identidade (Silva, 2015, p. 74).

Ainda em consonância com Ibid (2015), podemos pensar que a formação de professores seja um caminho possível para a inclusão de pessoas com deficiência visual, por “constituir-se em um fator chave na promoção de progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas” como está deferido na Declaração de Salamanca (1994).

Portanto, devemos considerar que, [...] o saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolvem, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diverso, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente (Tardif, 2004, p. 18).

Neste sentido, acreditamos que dos muitos saberes construídos e compartilhados, haverá sempre a necessidade real de buscar e aplicar práticas contemplativas de ensino de forma criativa e utilizar estratégias de forma dinâmica durante a maior parte do tempo pedagógico, essas ferramentas essenciais, favorecem a completude de um ambiente escolar acolhedor e significativo para todos os estudantes, independente de suas diferenças.

## **5. Considerações finais**

A superproteção é um fenômeno que se caracteriza pelo excesso de cuidado sobre alguém que se julga está em situação de vulnerabilidade. A mãe de *Alef* reconhece sua postura, sabe que isso prejudica seu filho, relata que há um esforço dela para que ele tenha mais autonomia.

Temer que eles se machuquem é comum em famílias que possuem crianças e adolescentes com deficiência visual, entretanto, a superproteção pode limitar o desenvolvimento pleno da pessoa e causar uma dependência excessiva e prejudicando sua autonomia.

Em outra fala a mãe do estudante relata sobre a preocupação da falta de interação do jovem, caracteriza o filho como um jovem alegre, que gosta de conversar e dançar, entretanto essas características não se apresentam no ambiente social da escola. Possivelmente, a postura

superprotetora da mãe conduz *Alef* a se tornar inseguro e retraído, que junto a timidez, uma de suas características pessoais, o prejudica nas relações interpessoais com os pares e na escola.

Ferronii & Gasparetto (2012) asseveram que frequentemente escolares com baixa visão são considerados incapazes de executarem certas atividades, de participarem, decidirem por si mesmo, de contribuírem em atividades em grupo e em brincadeiras livres, havendo subestimação de potencialidades e capacidades.

Na situação de *Alef* a mãe acaba por privar o jovem de se desenvolver plenamente, de experienciar atividades que podem contribuir para sua inclusão escolar e social, ocasionando isolamento e prejuízo ao filho, atos que estão velados pelas práticas de superproteção.

No que diz respeito ao processo de escolarização, a mãe relata que foi difícil o início, mas não passou maiores detalhes, apenas que ele foi alfabetizado e que ela não percebeu “avanços” durante o período em que ele estudava em uma escola privada.

Entretanto, ponderamos que durante o Ensino Fundamental I, o jovem foi plenamente alfabetizado, o que consideramos muito relevante. Talvez, a fala da mãe esteja relacionada às expectativas que ela considerava importante o filho desenvolver durante esse período de sua vida escolar.

*Alef* chegou à escola X aos 13 (treze) anos de idade, já tendo cursado o Ensino Fundamental I, trazendo consigo os aprendizados adquiridos ao longo da vida, por isso, consideramos uma fala arriscada afirmar que *Alef* “aprendeu mais na escola pública”, uma vez que compreendemos a educação como algo processual.

A escola X esteve sempre atenta às suas necessidades educacionais, sempre objetivando garantir integralmente sua inclusão e aprendizagens, oferecendo-lhe os recursos necessários para que ele pudesse se desenvolver de forma plenamente e feliz.

## Referências

Brasil. (1996) Lei nº 9.394, de 20 de dezembro. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 25 de maio 2019.

Brasil. (2004) *Educação inclusiva: a família*, v. 4; Org. Maria Salete Fábio Aranha. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.

Buscaglia, L. (1993). *Os deficiente e seus pais*. Rio de Janeiro: Record.

Domingues, Celma dos Anjos. (2010) *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: os alunos com deficiência visual : baixa visão e cegueira / Celma dos Anjos Domingues ... [et.al.]*. -

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, v. 3. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar)

Ferronii, M.C.C. & Gasparetto, M.E.R.F. (2012). *Escolares com baixa visão: percepção sobre as dificuldades visuais, opinião sobre as relações com comunidade escolar e o uso de recursos de tecnologia assistiva nas atividades cotidianas*. *Rev. bras. educ. espec.* 18(2). Marília Apr./June 2012.

Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.  
Mantoan, Maria Teresa Eglér.(2007) *Educação inclusiva-Orientações pedagógicas*. In: FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. PANTOJA, Luísa de Marillac P. MANTOAN, Teresa Eglér (org.). *Atendimento Educacional Especializado*. – São Paulo: MEC/SEESP.

Rocha, H.Ribeiro-Gonçalves (coord.) (1987) *Ensaio sobre a problemática da cegueira*. Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha.

Silva, Luzia Guacira dos Santos.(2015) *Professores e suas práticas em atenção às especificidades de aprendizagem de alunos cegos, em Brasil e Espanha*. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. SILVA, Luzia Guacira dos Santos. (Orgs) *Educação inclusiva: pesquisas, formação e práticas*. João Pessoa: Ideia.

Tardif, Maurice.(2004) *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes.  
Unesco. *Declaração de Salamanca* (1994).(Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 01/06/2019.

Yin, R.K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Andréia Xavier da Silva Oliveira – 40%

Andréia Gomes da Silva – 25%

Edilayne Christina Souza Cavalcanti Dias – 25%

Lucia de Araújo Ramos Martins– 10%